

## O SENTIDO DA MISSÃO NO AVIVAR DA ESPERANÇA

Apontamentos introdutórios do sentido da Missão da Igreja a partir da Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann

### SENSE OF MISSION IN REVIVAL OF HOPE

Introductory notes about meaning of the Church's mission from the Jürgen Moltmann's Theology of Hope

Gladson Pereira da Cunha\*

### RESUMO

A Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann representou uma mudança de paradigma para teologia. Ao retomar o sentido da esperança cristã como centro da fé e da teologia, Moltmann não apenas recuperou o significado da escatologia para o estudo teológico, como também deu um novo sentido para a prática da Igreja, a qual chamamos missão. Este artigo pretende demonstrar como a teologia de Moltmann influenciou também o modo de interpretar a missão da Igreja. Como reflexo da *Missio Dei*, a missão da Igreja se faz por meio da esperança pelo reino de Deus, anunciado e trazido ao mundo pelo Crucificado-Ressuscitado, Jesus Cristo. Para alcançar o objetivo proposto, procuraremos descrever o conceito de missão em Moltmann; num segundo momento, uma descrição da recuperação da ideia da esperança por Moltmann, e, por fim, será estabelecido uma relação entre missão cristã e esperança.

### PALAVRAS-CHAVES

Moltmann. Teologia da Esperança. Missão.

### ABSTRACT

The Jürgen Moltmann's Theology of Hope represented a paradigm shift for theology. When resuming the meaning of Christian hope as a center of faith and theology, Moltmann not only recovered the meaning of eschatology for theological study, but he also gave a new direction for church practice, which we call mission. This article aims to show how the theology of Moltmann also influenced the way of interpreting the mission of the Church. Reflecting the *Missio Dei*, the Church's mission is carried out by means of hope for the kingdom of God proclaimed and brought into the world by the Crucified and Risen One, Jesus Christ.

### KEYWORDS

Moltmann. Theology of Hope. Mission.

---

\* Doutorando em Teologia com concentração em Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestre em Ciências da Religião e graduado em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Professor de Hebraico Instrumental da graduação em Teologia da Escola de Ensino Superior FABRA, em Serra, Espírito Santo.  
E-mail: gladsoncunha@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A recuperação moltmanniana da esperança dentro do estudo escatológico representou uma mudança incontestável de um paradigma para as ciências teológicas. Essa mudança paradigmática não ocorreu apenas naquele *locus*, que era como um apêndice do estudo sistemático da teologia, a escatologia, mas ela considerou atingir o pensamento teológico como um todo. Não seria estranho, portanto, considerar que, em Jürgen Moltmann, houve uma virada epistemológica tão profunda, na segunda metade do século XX, quanto aquela proposta por Karl Barth, na primeira metade do mesmo século. Aliás, como bem ressaltou Mondin (1980, p.195), Moltmann talvez seja a figura mais representativa da teologia protestante contemporânea, depois do desaparecimento de nomes como o próprio Barth, Cullmann, Tillich e Bonhoeffer.

O fato é que a recuperação ou, como será chamado, o *avivar da esperança*, trouxe um novo alento para a teologia cristã. O próprio Moltmann entendia que sua *Teologia da Esperança* não se restringia a recuperação de um dado teológico esquecido, mas que teria uma dimensão muito mais dinâmica na vida da Igreja. Desta maneira, o agir próprio da Igreja, que é a sua missão, também se viu alentada pela perspectiva da esperança trazida por Moltmann. A Igreja, portanto, vê-se diante desse *novum* que dá substância tanto à história como também à sua missão, porquanto, a esperança, como veremos mais adiante, se relaciona intimamente com a ressurreição do Crucificado, que dá “*sim uma possibilidade real para a vida e para a própria história*” (NEUSCH, 1982, p.211).

O objetivo, portanto, desse ensaio é fazer um levantamento introdutório do sentido da missão da Igreja reencontrado no sentido da esperança. Para Moltmann (2003, p.22), o cristianismo “*é total e visceralmente escatologia, e não só a modo de apêndice; ele é perspectiva e tendência para frente, e por isto mesmo, renovação e transformação do presente*”. O colorido da esperança pinta com cores vivas a missão e o agir da Igreja, como expressão dessa fé do cristianismo, a fim de vivificar dinamicamente toda sua tarefa proclamadora e transformadora por meio da eficaz obra do Ressuscitado. Desta forma, há que se considerar que a Igreja cristã assuma essa perspectiva escatológica como parte de sua própria fé, em esperança.

O presente não está, portanto, alheio a esperança, vista em perspectiva e de modo futuro, mas se abriga e se transforma na própria história por meio da ação da Igreja, porquanto, a esperança, como posta por Moltmann, é “escatologicamente direcionada e politicamente responsável” (GRENZ; OLSON, 2003, p.209). Perseguindo esse objetivo, propomos o seguinte questionamento que nos deverá orientar em direção ao objetivo estabelecido: *Qual o sentido da missão a partir da esperança?* Essa é a nossa pergunta. A resposta que pretendemos encontrar, ainda que introdutória, deverá não apenas nos fazer compreender melhor a influência da esperança no fazer teologia, mas também no viver a teologia.

## 1 MISSÃO: UMA DEFINIÇÃO MOLTMANNIANA

Quando assumimos a ideia que o discurso escatológico não deve se configurar num discurso meramente informativo, descritivo e narrativo de um futuro, que quase sempre se distancia para fora da realidade humana, mas que esse discurso deve se configurar performaticamente, isto é, apresentando uma realidade factível à realidade presente e que desperta a Igreja, enquanto comunidade escatológica, a ação; então, somos capazes de considerar o papel do discurso escatológico como mobilizador da ação da Igreja (LIBÂNIO; BINGEMER, 1985, p.25). Ação que é, em si, missionária. Essa Igreja que é e se faz missionária é essa comunidade que, na contemplação da esperança em Jesus Cristo, vislumbra o seu fim, ou melhor, sua finalidade de ser, isto é, “*o encontro pleno com Deus*” (KUZMA, 2014, p.53).

Na finalidade de ser da Igreja, há também a finalidade de ser da criação como um todo. A primeira questão do *Catecismo Maior de Westminster* pergunta sobre essa finalidade comum de toda a humanidade e de toda a criação – “*Qual é fim supremo e principal do homem?*” – cuja resposta se encontra em duas ações complementares, “*glorificar a Deus e gozá-lo plena e eternamente*” (Rm.11.36; 1Co.10.31; Sl.72.24-26; Jo.17.22-24).<sup>1</sup> *Glorificar*, que se traduz num reconhecimento profundo de todos os benditos atributos de Deus, os quais se manifestam por

---

<sup>1</sup> O *Catecismo Maior de Westminster* é um dos três documentos que compõe os Símbolos de Westminster, conjunto de documentos confessionais escritos entre 1643-1647, por ordem do Parlamento Inglês para servir de padrão confessional para a Igreja da Inglaterra e toda a Grã-Bretanha. CATECISMO MAIOR DE WESTMINSTER. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, Pergunta.1.

meio da gratuidade do seu amor. Glorificar a Deus é reconhecer nele a fonte de toda bondade que recebemos, como afirmava Calvino (2009, p.37):

Ninguém pode olhar para si sem que volte imediatamente seus sentidos para Deus, no qual vive e se move, porque não há muita dúvida acerca de que não provenham de nós as qualidades pelas quais nos sobressaímos. Pelo contrário, é certo que não sejamos senão a subsistência no Deus uno. Ademais, por esses bens, que gota a gota caem do céu sobre nós, somos conduzidos como que de um regato para a fonte.

Complementar a essa contemplação, os teólogos de Westminster também entenderam que a nossa comum finalidade encontrasse também no pleno e eterno gozo da alegria de estar em Deus, o Deus que em amor nos criou e em amor nos acolherá em si mesmo. A nossa esperança, portanto, está em Deus. Contudo, o novo paradigma posto para a escatologia por Moltmann, isto é, o paradigma da esperança, faz com que antecipemos de alguma maneira esse fim previsto. Porquanto, “*esta orientação escatológica aparece em tudo aquilo de que a Igreja vive e para que vive*” (MOLTMANN, 2003, p.383). Antecipamos, como um antegoço, desse futuro, mas também essa antecipação se nos mostra promotora de uma proclamação efusiva a partir da alegria advinda de Deus. Desta maneira, a Igreja, que é uma comunidade escatológica, assume uma tarefa para com a criação, de anunciar-lhe sua redenção (Mc.16.15).

Ao olharmos, então, para a finalidade do povo de Deus, o Deus salvador que vem ao encontro desse povo, a pergunta que necessariamente surge é como fazer que todo o mundo se torne partícipe dessa realidade? É na resposta a esse questionamento, que encontramos o que vem a ser a missão. Mas o que é a missão? Moltmann relaciona dois termos para nos auxiliar na construção desse conceito. Para ele, dois termos que devem estar juntos nesta construção são a promessa (*promissio*) e a missão (*missio*). A *promissio* nos apresenta um Deus que fala prometendo. Desta forma, Moltmann nos faz entender que “*uma promessa é um ato de fala, uma promessa, garantida pelo próprio promitente. Não se trata de uma palavra interpretadora, mas de uma palavra-ato*” (MOLTMANN, 2004, p.87). Neste sentido, o Deus que fala prometendo será responsável pela palavra empenhada, sob o risco de quebrar essa palavra e se tornar um mentiroso, coisa que Deus definitivamente não é (MOLTMANN, 2003, p.53). No dar a sua palavra, Deus age para confirmá-la. O

agir de Deus é a sua *missio*, sua missão, como Moltmann (1999, p.240) deixa bem claro:

Missão no sentido teológico original da palavra é *missio Dei* – o envio de Deus. Mas o que Deus envia? De acordo com a compreensão bíblica (tanto judaica e cristã), ele envia nada menos que o seu Espírito para este mundo, através do Cristo, o Messias. Este é o Espírito, que é o doador da vida e que, portanto, é chamado o Espírito da vida, ou a fonte da vida. De acordo com o Evangelho de João, o que Deus traz ao mundo através de Cristo pode ser resumido em uma única palavra, vida. “Eu vivo e vós vivereis” (João 14.19).

A missão tem o seu fundamento no agir do Deus Trino. Esse agir de Deus é a sua missão. Missão, portanto, que se traduz no trazer a vida, a *zoēn perisson*, a abundante vida que Deus quer dar por meio de Cristo (Jo.10.10). Sua amorosa ação de vir ao encontro do que se perdeu. Uma busca de Deus por uma humanidade que se alienou dele. O sentido missiológico por excelência é o sentido da gratuidade do agir amoroso de Deus em favor do que havia se perdido. *O logos da esperança é a promessa* (MOLTMANN, 2004, p.56). Mas sobre o quê ou o que Deus fala? Assumindo que o *logos da esperança* é o mesmo *logos sarks egeneto*, Jesus, então, esta resposta nos aponta para uma pessoa. Então, o que Deus diz pelo seu *Logos*? O *Logos* fala de si mesmo e da vida que há nele, “*porquanto, o salvador que é anunciado aos povos é Jesus, o Messias de Israel, cheio do Espírito de Deus*”, (MOLTMANN, 1999b, p.65), o Espírito da vida. (MOLTMANN, 1999a, p.240).

Como, então, definir o sentido de missão, como ação da Igreja, em esperança, por meio do Cristo ressuscitado e do Espírito da Vida? Acredito que o teólogo equatoriano Renê Padilla pode nos ajudar nessa definição. Padilla (1992, p.15) escreveu:

O evangelho de Jesus Cristo é uma mensagem pessoal: revela um Deus que chama cada um dos seus pelo nome. Mas é ao mesmo tempo uma mensagem cósmica: revela um Deus cujo propósito abarca o mundo inteiro. Não se dirige ao indivíduo *per se*, mas ao homem como membro da velha humanidade em Adão, marcado pelo pecado e pela morte, a quem Deus chama para integrar-se à nova humanidade em Cristo, marcada pela justiça e pela vida eterna.

Deus, segundo Moltmann, é quem promete e faz realizar o que ele prometeu. É “*na promessa, o Deus vindouro lança um pré-resplendor do seu futuro para dentro do presente e determina o presente por força da esperança que a sua promessa desperta*” (MOLTMANN, 2004, p.56). Assim, no Cristo encarnado, morto e ressuscitado, Deus faz vislumbrar sua promessa que se concretiza da na missão divina outorgada a Jesus. É a partir desse complexo-de-eventos que se personifica

em Jesus e, principalmente, na ressurreição, é que se percebe a *missio* tomando seu lugar histórico.

No horizonte da ressurreição do Cristo ressuscitado, a vida histórica é vista como uma tarefa, uma missão mesmo. A promessa abre-nos os olhos tanto para as possibilidades da história quanto para as metas a realizar. Somente no horizonte escatológico da esperança o mundo se manifesta como história. [...] Desde a *promissio* (promessa) de Deus, que abre o futuro divino, segue-se a *missio* (missão) para dentro da história, por meio da qual, de acordo com as possibilidades, antecipamos o futuro (MOLTMANN, 2008, p.32).

A *missão* é essa realização dessa *pro-missio Dei*. Não porque Deus não a possa cumprir por si mesmo, alheio a todas as nossas incapacidades e aos nossos insucessos, mas que ele a realiza por meio de nós, primeiramente por meio do Cristo, para nos fazer ver, na antecipação do futuro ainda encoberto, vislumbres de sua graça e amor, os quais são prometidos e vividos por nós desde já. O mistério da existência da Igreja somente pode ser entendido à luz da sua missão. O *eschaton* essencializa a Igreja como *comunidade-de-salvação-escatológica* que anuncia, a partir de Cristo, a esperança que se anuncia no próprio evangelho (MOLTMANN, 2003, p.383).

## 2 A ESPERANÇA E O SEU AVIVAR

Ao observarmos a biografia de Jürgen Moltmann, percebemos que a esperança era como um bem de grande valor que estava perdido dentro da própria casa, como na parábola (Lc.15.8-10). Não é sem motivo que se ouve certo eureka arqui-mediano, quando Moltmann anuncia seu achado: *a esperança*. A esperança encontrada na novidade da qual ela própria revela. A partir desse encontro, como Kuzma (2014, p.79) bem considerou, Moltmann “*reconhece o Deus da esperança, e, desta experiência, abre-se espaço para a fé cristã; como consequência deste processo, tem-se a Teologia da Esperança e o caminho que dela surgiu*”. Não se trata mais de uma virtude teologal deixada em qualquer espaço do coração humano, mas se trata de algo que extravasa da interioridade humana para a exterioridade da criação, dando movimento a todo o agir humano em todas as dimensões de sua existência.

Neste sentido é que recupero a expressão do profeta Habacuque, que diante do transtorno causado pelo mal, clama por um avivar de Deus na história (Hb.3.2 ARA). Avivar é trazer a vitalidade daquilo que é vivo e dá vida. Assim como avivar

das brasas traz de volta o fogo que aquece, assim também o avivar da esperança traz à vida a real perspectiva da cristã em Deus e em sua graça para com toda a sua criação.

É nesse sentido que, logo nas primeiras linhas de sua *Teologia da Esperança*, Moltmann considerou o grande dano causado pelo arrefecimento da esperança, devido ao fato dos acontecimentos do *eschaton* terem sido relegados para uma meta distante, longe da possibilidade humana e *extra historia*, tudo o que diz respeito a esse momento perdeu “*sua significação orientadora, norteadora e crítica*” (MOLTMANN, 2003, p.21). O sentido final das coisas, o *eschaton*, não fazia sentido nenhum, fazendo com que a escatologia fosse escamoteada para o fim dos volumes das dogmáticas cristãs, mas também para a falta de sentido existencial. Quando muito, uma perspectiva arrefecida do *eschaton*, produziria um desejo de escapar da realidade. Seria até mesmo possível afirmar que, esse escamoteamento, também poderia ter dado origem ao próprio sentido informativo da escatologia. Uma vez que a mesma nada tinha a dizer que fosse atualmente consistente e necessário; a sua única função dentro do *corpus theologicus* era anunciar o que seria, jamais o que poderia ser. A esperança, portanto, recoloca a escatologia em seu devido lugar.

Esse não é mais o lugar solitário que a escatologia ocupava. Aliás, para Moltmann (2003, p.22), a escatologia sob a ótica da esperança sequer deveria ser considerada como uma simples parte da teologia cristã, muito pelo contrário. Moltmann (2003, p.22) estava certo que “*toda pregação e mensagem cristã tem uma orientação escatológica, a qual também é essencial à existência cristã e à totalidade da Igreja*”. Esse é o avivar da Esperança. A redescoberta de um princípio vital não apenas para a teologia, mas também para a própria Igreja, porquanto, é a esperança é o que dá movimento a fé cristã, como Calvino, citado por Moltmann (2003, p.22), deixa bem evidente: “*A esperança renova e vivifica a fé sempre de novo e cuida para que sempre de novo se levante mais forte; para perseverar até o fim*”. Esse é o sentido da esperança!

Diante disso uma questão nos sobrevém: *O que é esperança cristã? Como é possível definir esta virtude teologal que assume, a partir de Moltmann, um papel preponderante na teologia e na vida cristã?* Inicialmente poder-se-ia assumir a seguinte afirmação moltmanniana:

A esperança cristã é uma esperança de ressurreição e demonstra a sua verdade em contradição entre o presente e o futuro por ela visualizado, futuro de justiça contra o pecado, de vida contra a morte, de glória contra o sofrimento, de paz contra a divisão (MOLTMANN, 2003, p.25).

A esperança cristã é uma esperança escatológica. Escatológica no sentido recuperado por Moltmann; um futuro que “*seja a continuação ou retorno periódico e regular do presente*” (MOLTMANN, 2003, p.23). Nesse sentido, a esperança escatológica cristã assume a ressurreição do Cristo crucificado, uma realidade histórica, como seu ponto de partida e como meio de predizer o futuro dessa realidade, suas possibilidades futuras e sua eficácia futura, sendo também, essa escatologia, o que determinará o caráter de uma real esperança. Essa ideia fica ainda mais clara quando consideramos a seguinte afirmação de Piazza (2010, p.92-93):

O evento pascal fez com que os discípulos entendessem que o Reino de Deus, com Jesus Cristo, foi inscrito no coração da história de modo irreversível. Nele o futuro tornou-se presente e, ao mesmo tempo, definiu-se como invocação e espera. O futuro, revelado e cumprido no Cristo da Páscoa, espera apenas a sua definitiva e última realização.

A esperança, portanto, é essa virtude que põe em marcha os discípulos de Jesus Cristo, cômicos da profundidade do evento que os direciona sempre em frente, nunca numa fuga, seja da realidade, seja de um compromisso imperativo nascido a partir da cruz. Isso só se faz possível, quando a esperança escatológica é vista como “*força impulsionadora da história para a criação das utopias do amor ao ser humano sofredor e seu mundo malogrado, ao encontro do futuro desconhecido, mas prometido de Deus*” (MOLTMANN, 2003, p.453). Concluindo, o que vem a ser a esperança cristã, Moltmann (2003, p.453) afirma, “*a escatologia cristã [é aquilo que] se pode abrir ao ‘princípio esperança’*”. É o esperar em Deus, em o Cristo, morto e ressuscitado, sentido maior da existência. É também é a esperança em o Espírito Santo, que é, em si, a fonte de toda a vida.

Isso posto, surge uma nova questão, da qual dependerá o tratamento que estamos dando a esperança como promotora da missão. Essa questão é a seguinte: *Como é que a esperança poderia assumir essa qualidade impulsionadora para essa promessa?* É justamente na *promessa* de Deus, segundo Moltmann, que a esperança revela sua face escatológica. Se, como disse Moltmann (2003, p.197), “*a pro-*



*missio que anuncia o eschaton, e na qual o eschaton se anuncia, é o motor, o motivo, a mola propulsora e o tormento da história*"; então, deveríamos entender que, sem a *promessa* do futuro escatológico, não existiria nenhuma ação sendo articulada na história. O sentido de toda a história, bem como de todo o agir proclamador do reino de Deus e de sua justiça é o *eschaton*, que se revela como esperança. Afinal de contas, é *“com a sua reserva escatológica, ela [a Igreja] está em condições de fornecer uma orientação vital para a ação do cristão também nas esferas da política, da economia e da cultura”* (MOLTMANN, 1978, p.26). A Igreja, portanto, não pode agir sem a esperança. E a esperança encontra-se na promessa de Deus quanto ao futuro dele.

### 3 O SENTIDO DA ESPERANÇA NA MISSÃO

Alguns anos antes de Moltmann publicar sua *Teologia da Esperança*, o Conselho Mundial de Igrejas, comissionou o teólogo holandês Johannes Blauw para redigir um estudo sobre a base bíblica do labor missionário. Em seu texto, de 1962, intitulado *A Natureza Missionária da Igreja*, Blauw (1966, p.79) muito bem considerou o lugar que deve ser ocupado pela escatologia para a compreensão da missão: *“O caráter cristológico da Igreja não exclui o seu caráter escatológico, antes o inclui. Em outras palavras, a Igreja só é “santa, católica e apostólica” quando recebe a expectativa escatológica da plenitude do Reino”*.

O que Blauw afirmou, em seu texto, é, de alguma forma uma antecipação do que Moltmann afirmaria alguns anos depois, e que atualmente é uma espécie de axioma para a missiologia, pelo menos no que diz respeito a tradição protestante (Cf. GOHEEN, 2014, pp.201-203; BOSCH, 2014, pp. 601-608). Contudo, é a partir de Moltmann que essa perspectiva ganha mais força, uma vez que Moltmann recuperará um sentido mais vital da esperança dentro da reflexão teológica e prática da Igreja.

Ao assumir a esperança como uma chave interpretativa da sua teologia, Moltmann não considerou a ideia de apenas reescrever uma *escatologia a partir da esperança*, objetivando as dimensões possíveis da ressurreição de Jesus e de seu anúncio, no sentido meramente escatológico, no entanto, foi além, ao fundir a es-

catologia em todas as faces da teologia, considerando a esperança como o fundamento e a mola mestra de todo o pensamento teológico (MOLTMANN, 2003, p.25). Assim, a esperança e as perspectivas escatológicas dela derivadas também deveriam ser inseridas nas afirmações acerca das diferentes propostas práticas da teologia, das quais, a missão, é uma delas (MOLTMANN, 2003, p.25).

Disso se conclui, que a partir do avivar da esperança, em Moltmann, não se poderia pensar mais em missão de maneira desconectada das exigências demandadas pela própria esperança cristã. A missão procede da esperança, porque a esperança é que dá, tanto o sentido como o conteúdo da missão, isto é, Jesus Cristo, o crucificado-ressuscitado (1Co.1.23), porquanto, “*o evento pascoal representa um salto da história para o eschaton, visto que é a porta através da qual a ressurreição – como o entra/estar de Cristo na glória de Deus Pai – irrompe na história e escancara de forma proléptica o seu destino [isto é, do homem e da criação] definitivo*” (PIAZZA, 2010, p.139). Portanto, é a luz da percepção da esperança cristã que o conceito de missão pode e deve ser compreendido e levado a sua execução. *Como, então, compreender a missão à luz da esperança?* Vejamos a seguinte afirmação de Moltmann (1978, p.26):

Entender teologicamente a Igreja missionária em um horizonte universal é o mesmo que entendê-la no horizonte da *missio Dei*. A missão abarca a totalidade da Igreja e não apenas algumas de suas partes ou alguns de seus membros enviados por ela. Toda a comunidade e cada um de seus membros participam com todas as suas energias da missão do reino de Deus”.

A missão da esperança é uma ação que se processa na vida da Igreja enquanto comunidade de fé. Neste sentido, para Moltmann, a partir da sua tradição reformada-calvinista, todos os membros do *Corpo Místico* de Cristo deveriam participar dessa missão. O Cristo encarnado é o primeiro entre os seus irmãos a assumir a *missio Dei*, fazendo da *promissio* uma *missio*, que comunicava ao mundo o Deus que vinha ao seu encontro, e que vinha no próprio Cristo. Comunicava também, por meio dele, a presença do Reino e o derramar do Espírito, elementos típicos da esperança escatológica judaica (GOHEEN, 2014, p.163). Nesse sentido, a *kenosis* assume uma característica missional<sup>2</sup>, porquanto é no despojamento da sua glória que

---

<sup>2</sup> No meio protestante, o adjetivo “missional” tem sido utilizado em substituição ao adjetivo “missionário”, porquanto esse último traz consigo uma conotação que se relaciona com a ideia de envio missões *ad gentes*. Assim, “a palavra ‘missional’ é entendida de modo diferente quando é usada para descrever a natureza da igreja.

o *Logos eterno* assume sua missão entre homens como homem (Cf. Fp.2.7). Utilizando da celebre fala de Atanásio de Alexandria, *o Verbo se tornou o que somos, para que nos tornássemos o que ele era*. Não apenas para que fossemos *divinizados*, utilizando uma expressão muito comum aos Padres, mas que também, assim podemos dizer, assumíssemos sua missão logo após a sua ressurreição, a qual nos faz antever o que nos aguarda nele num futuro que se aproxima da nossa história.

Mas não se trata de uma ação meramente humana. Não assumimos a missão de Jesus desguarnecidos de força e poder, da mesma maneira que Jesus assim não fez. A missão de Jesus foi vivida na plenitude do poder do Espírito Santo. De igual modo assumimos a missão de Jesus sob os auspícios desse mesmo Espírito de força, como nos diz Moltmann (2004, p.154):

A missão divina de Jesus é transferida para os discípulos. Os discípulos são introduzidos na missão messiânica de Jesus. O ressuscitado “sopra” o “Espírito vivificador” nos discípulos, assim como o criador outrora havia soprado em Adão, transformando-o numa alma viva (v. 22). O que os discípulos fazem então na força do Espírito “corresponde” ao que Jesus fez na força do Espírito, e representa mais do que apenas uma analogia, uma “semelhança em vista de uma dessemelhança ainda maior”.

No Espírito, a Igreja abandona o cenáculo e assume a praça. Na praça, assume a *martyria*, o testemunho pela palavra falada e pela palavra vivida. A proclamação falada falava que Jesus Cristo, o crucificado, fora ressuscitado pelo Deus Pai, e por meio desse Cristo, o Pai convidava e ainda convida o mundo ao seu amor. E na certeza da esperança inaugurada na ressurreição de Cristo, é possível experimentar uma nova vida *já*, mas *ainda-não* plenamente. E enquanto anunciamos os eventos da cruz, também somos convidados por Deus para nos responsabilizarmos com a sua criação, com o seu mundo.

Nisso retomamos o conceito de uma *escatologia performativa*. Ou seja, a escatologia, como mola propulsora, deve direcionar a Igreja para atingir o seu alvo. Esse alvo, que é a *consumação*, exige uma espera que se envolva no processo que conduz a esse fim. Da mesma forma que, para Jesus, “*a libertação de um ser humano de condições desumanizantes é sinal realizador que já dá início ao futuro*”

---

Na sua melhor definição, ‘missional’ descreve não uma *atividade* específica da igreja, mas a própria *essência* e *identidade* da igreja à medida que ela assume seu papel na história de Deus no contexto de sua cultura e participa da missão de Deus para o mundo”. Cf. GOHEEN, 2014, p.20. Ver também: WRIGHT, 2012, p.22.

(NOCKE, 2002, p. 373.), a Igreja, no seu caminhar rumo ao futuro de Deus, que assumir também uma ação libertadora e transformadora daqueles por quem Cristo morreu.

A pregação do evangelho do reino de Deus, que se aproxima, é o primeiro fator e o mais importante da missão de Jesus, da missão do Espírito e da missão da Igreja, mas não é o único. A missão abarca todas as atividades que contribuem para libertar o homem de sua escravidão na presença de Deus que se aproxima, desde da miséria econômica até a sua situação de pecado (MOLTMANN, 1978, p.26).

Como exposto por Moltmann, a ideia da missão transcende uma mera narrativa acerca da ação de Cristo. Não se trata apenas de narrar a história do Deus-Homem, seus suplícios e desventuras, sua morte trágica e inocente, e, por fim, o seu levantamento da sepultura. Não se trata apenas em dizer afirmações acerca do Reino de Deus e de sua justiça.

A encarnação do *Logos* e o início de sua missão tem fundamento na presença libertadora do Espírito Santo sobre ele, reestabelecendo a visão aos cegos, fazendo com que andassem os coxos, trazendo a vida aos mortos e dando liberdade aqueles que se encontravam oprimidos por várias demandas e opressores. O evangelho do reino de Deus não contempla a *alma humana*, mas contempla o *homem integral*, que no todo do seu ser, sofre, perde sua visão, perde seus movimentos, perde sua esperança e morre. É diante desta constatação que tanto a *Teologia da Libertação*, de viés católico,<sup>3</sup> como a *Missão Integral*, de viés mais evangélico-protestante, compreende a razão de ser da ação da Igreja, e se dispõe ao resgate do ser humano e não de fragmentos dessa pessoa. Portanto, qualquer perspectiva de missão que não contemple do ser humano em sua completude perde em muito a sua semelhança com aquela missão assumida por Jesus.

A missão da Igreja, portanto, é renovada pela esperança reencontrada por Moltmann. Ela não é apenas um grito antigo – *Salve a sua alma!* Ela não tem como

---

<sup>3</sup> Deve-se ressaltar que que a TdL não foi um fenômeno apenas católico. Alguns sugerem que o próprio conceito de teologia da libertação tem o seu nascedouro no meio protestante, mais especificamente no presbiterianismo por meio de pessoas com o norte-americano Richard Schaul e Rubem Alves, bem como dentro do meio luterano com Walter Altmann. No entanto, a maioria das igrejas protestantes brasileiras pouco se inclinaram à essa perspectiva, exceto pequenos setores denominacionais. De maneira geral, o protestantismo brasileiro compreendia a proposta da TdL como inundada por pressupostos marxistas, os quais eram mal vistos entre a liderança do protestantismo brasileiro, mais inclinado ao conservadorismo político. Por isso, considera-se que a TdL seja mais católica.

consequência, simplesmente, uma afirmação de fé – *Eu aceito Jesus como meu salvador!* A missão se torna uma força em movimento que se dispõe a assumir a continuidade da ação do próprio Cristo *até que ele venha*, anunciando a graça de Deus a todos e cuidando, curando e lavando os pés daqueles que se achegam ao Reino ou dele se distanciam ainda mais.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, percebe-se que a noção da escatologia como esperança lança nova luz para a compreensão da missão da Igreja. Porquanto, o conceito da esperança se torna uma chave de leitura para todo o processo salvífico. A esperança, que nos faz olhar para o futuro de Deus em Jesus, ou, como disse Kuzma (2014, p.29):

[A] esperança cristã, que motivada por seu anúncio transforma-se em missão desta esperança e passa a ser a força criativa que move o ser humano em direção ao futuro, quando, através de sua experiência de fé, entra em contato com Deus.

A Igreja, quando recupera a força motriz da esperança, passa a compreender de modo dinâmico que os elementos da esperança não estão relegados aos últimos rincões da existência, que a fé, que é por ela sempre revivida, nos faz contemplar as *promessas* de Deus como algo que já se nos apresenta como um antegozo daquilo que ainda não se revelou. Por isso, a Igreja de Jesus Cristo precisa, como no passado, sair de todo o conforto e assumir o confronto. O confronto contra uma realidade que oprime e avilta o ser humano. O confronto contra que distorce a harmonia pretendida por Deus. O confronto contra tudo aquilo, que no passado, se antepôs ao próprio Jesus. E tudo isso enquanto o evangelho do Reino é proclamado aos que dispostos ou não a ouvi-lo.

A missão é a razão de ser da Igreja. Ela terá que ser realizada. Mas o que ela vai dizer? O que ela vai fazer? Anunciar um Cristo morto? Propor uma nova vida a partir do que se corrompe? Apontar uma direção incerta? Nada disso! O que conduz a realização da missão é a esperança. Esperança que fala e proclama a vida. Uma vida que supera a morte e transcende por completo a qualquer mera expectativa ou esperança humana. No Cristo Ressuscitado está a nossa esperança. Ele é a nossa meta e salvação!

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLAUW, Johannes. *A Natureza Missionária da Igreja*. São Paulo: ASTE, 1966.
- BOSCH, David J. *Missão Transformadora, 4ª ed.* São Leopoldo: Sinodal, 2014.
- CALVINO, João. *Instituição da Religião Cristã, tomo 1*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- \_\_\_\_\_, João. *Instituição da Religião Cristã, tomo 2*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CATECISMO MAIOR DE WESTMINSTER. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.
- GOHEEN, Michael. *A Igreja Missional da Bíblia*. Campinas/São Paulo: CTPI/Edições Vida Nova, 2014.
- GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger. *A Teologia do Século 20*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.
- KUZMA, Cesar. *O Futuro de Deus na Missão da Esperança*. São Paulo: Editora Paulinas, 2014.
- LIBÂNIO, João Batista; BINGEMER, Maria Clara. *Escatologia Cristiana*. Buenos Aires: Ediciones Paulinas, 1985.
- MOLTMANN, Jürgen. *Experiências de Reflexão Teológica: Caminhos e formas da teologia cristã*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004.
- \_\_\_\_\_, Jürgen. *God for Secular Society*. London: SCM Press, 1999a.
- \_\_\_\_\_, Jürgen. *La Iglesia, Fuerza del Espiritu*. Salamanca: Sigueme, 1978.
- \_\_\_\_\_, Jürgen. *O Espírito da Vida*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999b.
- \_\_\_\_\_, Jürgen. *Teologia da Esperança*. São Paulo: Editora Teológica, 2003.
- \_\_\_\_\_, Jürgen. *Vida, Esperança e Justiça: Um testemunho teológico para a América Latina*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2008.
- MONDIN, Battista. *Os Grandes Teólogos do Século XX, v.2*. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- NEUSCH, Marcel. *The Sources of Morden Atheism*. New York: Paulist, 1982.
- NOCKE, Franz-Josef. *Escatologia*. In: SCHNEIDER, Theodor. *Manual de Dogmática, vol. II*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- PADILLA, C. Rene. *Missão Integral: Ensaio sobre o Reino e a Igreja*. São Paulo: FTL-B/Temática, 1992.
- PIAZZA, Oracio. *Esperança: A lógica do Impossível*. São Paulo: Paulinas, 2010.